

Lara Adrian

O DESPERTAR DA
MEIA-NOITE

Tradução
Filipa Aguiar

*Quinta Essência**



1

Ela andava entre eles sem ser vista, apenas mais uma pessoa na hora de ponta a enfrentar a neve de Fevereiro a caminho da estação ferroviária. Ninguém prestava atenção à mulher pequena numa parca com capuz, um cachecol a cobrir-lhe o rosto dos olhos para baixo, olhos que observavam atentos e interessados a multidão. Com demasiada atenção, sabia-o, mas não conseguia evitar.

Sentia-se ansiosa por se encontrar no meio deles e impaciente para encontrar a sua presa.

A sua cabeça pulsava ao som do *rock* que saía dos auriculares ligados a um leitor de MP3 portátil que não era dela. Pertencera ao seu filho adolescente, Camden. Doce Camden, morto havia quatro meses, vítima do submundo do qual ela própria agora fazia parte. Camden era a razão da sua presença ali, nas ruas movimentadas de Boston, com uma adaga no bolso do casaco e uma lâmina de titânio presa à coxa.

Mais do que nunca, Camden era a razão por que vivia.

A sua morte não podia ficar impune.

Elise atravessou a rua no semáforo e continuou a caminho da estação. Via pessoas a conversar, os seus lábios movendo-se, silenciosos, as suas palavras – mais importante, os seus pensa-

mentos – abafados pela música agressiva, pelas guitarras estridentes, pelo pulsar do baixo cujas notas penetravam nos seus ouvidos e vibravam nos seus ossos. Não sabia exactamente o que estava a ouvir, nem era relevante. Precisava apenas do barulho, de um ruído intenso, alto e suficientemente constante para se colocar no local da caçada.

Entrou no edifício, apenas mais uma pessoa no rio de humanidade em movimento. Uma luz ofuscante derramava-se das lâmpadas fluorescentes no tecto. O cheiro a imundície da rua, a humidade e a muitos corpos no mesmo espaço chegou-lhe ao nariz através do cachecol. Parou perto do centro da estação. Forçada a dividir-se para passar por ela, a multidão fluiu de um lado e de outro, muitas pessoas a chocar com o seu corpo, empurrando-a na pressa de apanhar o comboio seguinte. Várias olharam-na com ar de censura, resmungando obscenidades por ela estar parada no meio do caminho.

Deus, como desprezava todo aquele contacto, mas era necessário. Respirou fundo, enfiou a mão no bolso e desligou o leitor de MP3. O barulho da estação envolveu-a como uma onda: vozes, pés a arrastarem-se, o trânsito do lado de fora, o ruído metálico do comboio a chegar. Mas todos aqueles barulhos nada eram quando comparados aos que a invadiam agora.

Pensamentos feios, más intenções, pecados secretos, ressentimentos – tudo isso a fervilhar em torno dela como uma tempestade negra, a corrupção humana a procurá-la e a martelar-lhe os sentidos. Perturbou-a, como sempre, aquele primeiro sopro do mal quase a dominá-la. Elise cambaleou. Combateu a náusea que surgiu no seu interior e fez o possível para reduzir o impacte do assalto psíquico.

... *Que cabra... Espero que a despeçam.*

... *Malditos turistas, porque não voltam para onde vieram?*

... *Idiota! Sai da frente ou derrubo-te...*

... *E o que tem ela ser irmã da minha mulher? Não que não tenha andado atrás de mim este tempo todo...*

Elise respirava mais depressa a cada instante, uma dor de cabeça a formar-se nas suas têmporas. As vozes na sua mente misturavam-se num discurso sem sentido, quase imperceptível, mas ela resistiu, preparando-se ao ver que o comboio se aproximava e as portas se abriam para deixar sair um mar de gente para a plataforma. Derramaram-se à volta dela, mais vozes a juntarem-se à cacofonia que a consumia por dentro:

... Malditos pedintes, deviam esforçar-se da mesma maneira para arranjar emprego...

... Juro que se ele me encostar a mão outra vez, mato o filho da...

... Corre, gado. Corram para o vosso curral. Criaturas patéticas, o meu Mestre tem razão, vocês merecem ser escravizados...

Os olhos de Elise abriram-se. O sangue gelou-lhe nas veias assim que as palavras penetraram na sua mente. Era a voz que ela esperava ouvir.

Aquele que ela viera caçar.

O meu Mestre vai esfolar-me se eu não entregar a encomenda. E, se eu for esfolado, voltarei aqui para vos arrancar os pulmões.

Ela respirou fundo ao sentir a virulência da ameaça.

Não sabia o nome da sua presa, nem sequer qual o seu aspecto, mas sabia o que ele era: um esbirro. Como os outros da sua espécie, fora outrora humano, mas agora era algo menos do que isso. A sua humanidade fora sugada por aquele a quem chamava Mestre, um vampiro poderoso e líder dos Renegados. Era por causa deles – dos Renegados e do maléfico ser que os guiava numa guerra cada vez maior com a raça vampírica – que o único filho de Elise morrera.

Depois de ficar viúva cinco anos antes, Camden fora tudo o que tivera, tudo o que importara na sua vida. Com a sua perda, encontrara um novo objectivo. Uma resolução inabalável. Era nisso que agora se apoiava, ordenando aos pés para avançarem por entre a multidão compacta, à procura daquele que iria desta vez fazer pagar pela morte de Camden.

A sua cabeça andava às voltas com o contínuo bombardeamento de pensamentos dolorosos e feios, mas finalmente conseguiu isolar o esbirro. Seguia vários metros à frente dela, a cabeça coberta por um gorro de lã preta, o torso envolto num casaco de camuflado desbotado e velho. A animosidade irradiava dele como ácido. A sua corrupção era tão completa que Elise conseguia saboreá-la como bÍlis no fundo da garganta. E não tinha alternativa a não ser manter-se próxima dele, à espera da oportunidade para atacar.

O esbirro saiu da estação e avançou pelo passeio a grande velocidade. Elise seguiu-o, os dedos fechados com força sobre o cabo da adaga no seu bolso. Lá fora, com menos pessoas, o bombardeamento psÍquico diminuÍra, mas a dor da sobrecarga na estação continuava presente, pressionando o seu crânio como um espigão de aço. Elise manteve os olhos postos na presa, ganhando velocidade quando ele entrou numa loja. Aproximou-se da porta envidraçada e espreitou para lá do símbolo da FedEx para ver o esbirro na fila junto ao balcão.

– Desculpe, menina – disse alguém atrás dela, surpreendendo-a com o som de uma voz verdadeira e não com o zumbido de palavras que ainda lhe enchiam a cabeça. – Vai entrar ou não?

O homem atrás dela abriu a porta ao dizer aquilo, mantendo-a aberta com ar expectante. Ela não tencionara entrar, mas agora todos estavam a olhar para ela – incluindo o esbirro – e atrairia mais atenções se recusasse. Elise entrou na loja profusamente iluminada e fingiu interessar-se pelos modelos de caixas de envio na montra.

Pelo canto do olho, viu o esbirro aguardar a sua vez na fila. Estava nervoso e zangado, admoestando em pensamento os clientes à sua frente. Por fim aproximou-se do balcão e ignorou a saudação do funcionário.

– Encomenda para Raines.

O funcionário escreveu qualquer coisa no computador, depois hesitou.

– Um momento. – Foi até uma divisão nas traseiras e regressou pouco depois a abanar a cabeça. – Ainda não chegou. Lamento.

O esbirro ficou furioso e a sua fúria apertou as têmporas de Elise como um torno.

– O que quer dizer com isso?

– A maior parte do estado de Nova Iorque foi atingida ontem por uma grande tempestade de neve, portanto, muitos dos envios de hoje estão atrasados...

– Dizem que nunca falham as entregas – retorquiou o esbirro.

– Pois não. Pode reaver o seu dinheiro, mas tem de preencher um formulário...

– Que se lixe o formulário, seu idiota! Preciso dessa encomenda, já!

O Mestre vai dar cabo de mim se eu não voltar com a encomenda e, se eu sofrer, volto cá e arrancho-te os malditos pulmões.

Elise arquejou ante a virulência do ataque interior. Sabia que os esbirros viviam apenas para servir aquele que os fizera, mas era sempre um choque perceber a intensidade dessa lealdade. Nada era sagrado para eles. As vidas nada significavam, fossem elas humanas ou da Raça. Os esbirros eram quase tão terríveis como os Renegados, a facção sanguinária e criminosa da nação vampira.

O esbirro apoiou-se no balcão, os punhos cerrados a sustentar o corpo.

– Preciso daquele pacote, idiota. Não vou sair daqui sem ele.

O funcionário recuou, a sua expressão subitamente tensa.

– Olhe, como já lhe expliquei, não posso fazer mais nada. Vai ter de voltar amanhã. Agora, é melhor ir-se embora antes que eu chame a polícia.

Seu idiota inútil, resmungou o esbirro em pensamento, *eu volto amanhã, sim... Para acabar contigo.*

– Algum problema, Joey? – perguntou um homem mais velho, vindo das traseiras.

– Estou a tentar explicar-lhe que a encomenda dele ainda não chegou por causa da tempestade, mas ele não desiste. Como se eu pudesse tirar a encomenda de uma carto...

– Senhor? – interrompeu o gerente, olhando para o esbirro com ar aborrecido. – Peço-lhe que se retire agora. Tem de sair, ou a polícia será chamada para o acompanhar.

O esbirro resmungou qualquer coisa imperceptível, mas violenta. Bateu com o punho no balcão, depois virou-se e começou a afastar-se. Quando se aproximou da porta onde estava Elise, tombou uma pilha de material, espalhando rolos de fita e envelopes almofadados em todas as direcções. Elise recuou, o esbirro avançava a grande velocidade na sua direcção. Olhou para ela com olhos vagos, destituídos de humanidade.

– Sai do caminho, cabra!

Elise mal teve tempo de se mover antes de ele passar por ela rumo à porta, fechando-a com tanta violência que os painéis de vidro tremeram como se se fossem partir.

– Idiota – resmungou um dos passageiros da fila.

Elise sentiu a onda de alívio inundar todos os outros clientes com a partida do esbirro. Uma parte dela também estava aliviada por ninguém se ter magoado. Queria esperar um pouco na calma momentânea da loja, mas não podia dar-se a esse luxo. O esbirro já atravessava a rua e a noite caía depressa.

Dispunha de meia hora, no máximo, antes de a escuridão cair por completo e os Renegados saírem para se alimentar. Se aquilo que andava a fazer era perigoso à luz do dia, à noite era praticamente suicídio. Era capaz de eliminar um esbirro com silêncio e aço – já o fizera, por acaso, mais de uma vez –, mas, como qualquer outro humano, homem ou mulher, não tinha qualquer hipótese contra a força descomunal de um Renegado.

Preparando-se para aquilo que tinha de fazer, Elise saiu pela porta e seguiu o esbirro rua acima. Ele estava furioso e

andava depressa, colidindo contra os outros pedestres e resmungando palavrões ao passar por eles. Uma barragem de dor mental encheu a cabeça dela quando mais vozes se juntaram ao burburinho já bem alto na sua mente, mas Elise continuou a acompanhar o alvo. Manteve-se uns metros atrás, o olhar pousado no casaco verde-claro através dos flocos de neve que caíam. Ele virou à esquerda depois de um prédio e seguiu por uma viela estreita. Elise correu, desesperada por não perdê-lo de vista.

A meio da rua lateral, ele abriu uma velha porta de aço e desapareceu. Ela aproximou-se da porta sem janela, as palmas a transpirarem apesar do frio. Os pensamentos violentos dele invadiram-lhe a mente – pensamentos assassinos de todas as coisas horríveis que faria em deferência para com o seu Mestre.

Elise levou a mão ao bolso para retirar a adaga. Segurou-a bem perto do corpo, pronta para atacar, mas escondida atrás da parca. Com a mão livre, agarrou a maçaneta e abriu a porta destrancada. Flocos de neve precederam-na no vestíbulo sombrio que cheirava a mofo e tabaco. O esbirro estava parado junto a uma zona de caixas de correio, um ombro apoiado à parede, enquanto abria um telemóvel idêntico aos que todos os outros tinham: a linha directa dos esbirros para o seu mestre vampiro.

– Fecha a maldita porta, estúpida! – disparou ele com os olhos a brilhar. A sua testa franziu-se quando ela começou a caminhar na sua direcção com ar decidido. – Mas que diabo...

Ela cravou-lhe a adaga no peito, sabendo que o elemento surpresa era uma das suas maiores vantagens. A ira da criatura atingiu-a como um golpe físico, empurrando-a para trás, e a sua malevolência inundou-lhe a mente como ácido, queimando os seus sentidos. Elise suportou a dor física, reunindo forças para desferir mais um golpe com a lâmina, ignorando o calor húmido do sangue que lhe encharcava a mão.

O esbirro estremeceu e caiu sobre ela. A ferida era mortal e vertia tanto sangue que Elise quase vomitou com o cheiro. Desenvencilhou-se dos braços pesados e saiu da frente quando o corpo tombou no chão. Estava ofegante, com o coração a bater disparado, a cabeça a doer castigada pela fúria dele que ainda revolvía a sua mente.

O esbirro sofreu vários espasmos, até que se imobilizou.

Com dedos trémulos, Elise pegou no telemóvel que caíra ao chão e guardou-o no bolso. O ataque esgotara-a, a combinação de esforço físico e mental quase mais do que ela podia suportar. Cada ataque parecia pesar mais nela, cada recuperação mais longa. Perguntou-se se um dia desceria tão fundo no abismo que não seria capaz de voltar à tona. Provavelmente, pensou, mas não naquele dia. E continuaria a lutar enquanto houvesse um sopro de vida no seu corpo e a dor da perda no seu coração.

– Pelo Camden – sussurrou, olhando para o esbirro morto, enquanto ligava o leitor de MP3, preparando-se para voltar para casa. A música saiu dos auriculares, silenciando o dom que lhe dava o poder de ouvir os mais sombrios segredos da alma humana.

Já ouvira o suficiente por agora.

Concluída a sombria missão daquele dia, Elise virou-se e deixou o cenário sangrento que acabara de criar.



2

O aroma do sangue foi transportado pela brisa invernal. Era ténue, recente, umas cócegas com travo a cobre nas narinas do vampiro guerreiro que saltava silenciosamente de telhado em telhado. Os flocos de neve caíam à volta dele como cinza branca a flutuar, embranquecendo a cidade que se espraiava uns dez andares abaixo dele.

Tegan agachou-se na beirada e inspeccionou o emaranhado de ruas buliçosas e becos. Como membro da Ordem – um pequeno grupo de vampiros da Raça em guerra contra os seus selvagens irmãos, os Renegados –, o principal objectivo nocturno de Tegan era matar os seus inimigos. Mas, até à sua medula, ele era da Raça e não havia ninguém entre os seus capaz de ignorar o chamamento de sangue humano recém-derramado.

Franziu os lábios e inspirou o ar gelado por entre os dentes. As suas gengivas formigaram, uma dor aflorou onde os caninos começavam a alongar-se e a transformar-se em presas. A sua visão tornou-se mais apurada, as pupilas estreitaram-se em finas fendas verticais no centro dos olhos verdes. O desejo de caçar, de se alimentar, surgiu rapidamente. Era uma resposta automática que mesmo ele, com o seu férreo e disciplinado autodomínio, não conseguia reprimir.

Era ainda mais difícil, por pertencer às primeiras gerações de vampiros engendrados na Terra. Os apetites dos da Primeira Geração – físicos, carnis e afins – eram ainda mais fortes.

Tegan avançou pela beira de um prédio, depois saltou para a chaminé de outro, os seus olhos fixos no movimento de pessoas lá em baixo, procurando o elemento mais fraco da manada. Mas não analisava as multidões meramente para satisfazer as suas próprias necessidades: se encontrasse um humano com uma ferida aberta e fresca, sabia que qualquer Renegado a quilómetro e meio de distância não andaria longe.

Mas agora que estava a aproximar-se da origem do aroma do sangue, deu-se conta de que o que cheirava parecia cada vez mais velho. Era sangue derramado. Não fresco, mas já com vários minutos.

Seguindo o odor metálico, o olhar de Tegan pousou numa figura baixa e esguia com uma parca que se apressava pela rua principal, deixando para trás a estação de comboios. Havia uma nota ansiosa no andar da pessoa, um desejo óbvio de não ser notada, de cabeça baixa, enquanto se separava de um grupo de pedestres e se dirigia para uma rua lateral vazia.

– O que andaste a tramar? – murmurou Tegan em voz baixa.

Homem ou mulher, ele não conseguia ter a certeza sob toda aquela roupa. De qualquer forma, o humano estava prestes a ter companhia indesejada.

Tegan viu o Renegado um instante antes de ele sair do seu esconderijo perto de um contentor vários metros mais adiante do humano. Não ouviu as palavras que foram ditas, mas percebeu pelo gíngar do vampiro e pelos brilhantes olhos cor de âmbar que estava a provocar a pessoa – a divertir-se um pouco antes de fazer o movimento seguinte. Dois outros Renegados surgiram na esquina atrás do humano, rodeando-o.

– Raios! – grunhiu Tegan, esfregando o queixo.

Nunca tivera muita apetência para a honra que exigia aos seus salvarem em segredo os humanos com quem partilhavam o planeta. Mesmo sendo meio humano, como eram todos os da Raça, Tegan deixara havia muito tempo de querer ser herói. Tinha visto muito derramamento de sangue, muita matança sem sentido e trágicas perdas de ambos os lados. O seu objetivo agora e durante os últimos quinhentos anos – desde a brutal tortura e morte da única mulher que tinha amado – era bastante simples: matar o máximo possível de Renegados, ou morrer a tentar.

Mas havia uma parte antiga dele que ainda fervia ao pensar em terríveis e estranhas injustiças, como a situação que decorria abaixo dele na rua.

O humano com a parca manchada de sangue estava rodeado. Como tubarões movendo-se para matar, os Renegados começaram a aproximar-se. A cabeça encapuzada elevou-se de repente, rodando para ver a ameaça que vinha de trás. Mas demasiado tarde. Nenhum humano tinha qualquer possibilidade contra um Renegado, muito menos contra três. Com uma imprecação, Tegan avançou e saltou para um telhado mais baixo por cima do beco... no preciso momento em que o Renegado diante do humano passava à acção.

Tegan ouviu uma inspiração – um arquejo feminino de terror – quando o Renegado agarrou a sua presa. Prendeu a mulher pelo capuz e atirou-a para o passeio coberto de neve, soltando um selvagem grunhido divertido quando ela caiu.

– Bolas! – silvou Tegan entre dentes, desembainhando uma grande faca.

Com um salto, caiu do edifício, aterrando brandamente no chão de cócoras. Os dois Renegados mais próximos dele separaram-se, um abrigando-se enquanto o outro gritava que estavam a ser atacados. Tegan silenciou o grito a meio da frase, passando o seu aço com bordo de titânio pela garganta do indivíduo.